

# Santilli denuncia corrupção e contrabando na Funai

MEMÉLIA MOREIRA

A Funai sofre uma sangria financeira diária que se desenrola há mais de 20 anos e é praticada por um grupo de burocratas do órgão, responsáveis também pelas "rebeliões" de líderes indígenas. Do superfaturamento de notas de compras ao contrabando de madeira e ouro, o órgão protetor dos índios é um "saco sem fundos de recursos". Estas e outras denúncias foram levadas pelo presidente da Fundação Nacional do Índio, Márcio Santilli, ao próprio presidente Fernando Henrique Cardoso, numa longa conversa ocorrida no Palácio da Alvorada, no último sábado. Paralelamente, Santilli encaminhou à Polícia Federal a lista de funcionários e ex-funcionários envolvidos, segundo ele, na "rede de corrupção".

A reação de Fernando Henrique, segundo Santilli, foi de perplexidade. O Presidente da República deu carta branca a Santilli para desmontar o esquema de corrupção na Funai que, afirma, é o "principal obstáculo a uma política de assistência às comunidades indígenas".

De acordo com as informações do presidente da Funai, os funcionários "que integram a quadrilha" são maçons que, por tradição, "se protegem mutuamente". Mesmo afastados do órgão, estes funcioná-

rios continuam financiando a vinda de índios a Brasília, "pagando diárias para alguns caciques e tumultuando os trabalhos".

Santilli, que assumiu o órgão há cinco meses, destituiu alguns destes funcionários dos postos de chefia, mas estes recebem ajuda "de antigos servidores do extinto Serviço Nacional de Informações (SNI), que ainda trabalham na Secretaria de Assuntos Estratégicos. Historicamente, a Funai foi dirigida por militares de variadas patentes e, muitas vezes ligados ao órgão de informação, estes militares formaram o quadro funcional da Funai.

**Vítimas** — Santilli acredita que os índios são "usados e corrompidos" por estes funcionários e terminam "sendo vítimas da quadrilha". Os mais manipulados, informou Santilli, são os Xavante, Kaiapó e Guajajara. "Por incrível que pareça — afirmou Santilli — quanto mais distantes da Funai, menos os índios são vítimas dos maus servidores". Entre os índios que escapam da rede, Santilli listou os Makuxi, de Roraima, Tikuna e Tukano, do Amazonas e os grupos do Acre.

"É uma verdadeira quadrilha", disse Santilli, informando ainda que nos cinco meses de sua gestão "entrou três vezes mais recursos do que em toda a administração passada (Dinarte Madeiro) e

não conseguimos repassar nem a metade desses recursos para as aldeias, por que eles se perdem na sangria diária".

Santilli disse que os ex-presidentes do órgão eram coniventes com as irregularidades. "Eles, sem condições de enfrentar o grupo, terminavam se acomodando e aceitando a situação". Mesmo sobre aqueles sobre os quais não há denúncias de corrupção, disse Santilli, há práticas de irregularidades. O exemplo citado é do ex-presidente do órgão, Sydney Posuelo, "que tem uma boa aposentadoria, é proprietário de uma casa no Lago Sul e ocupa um apartamento funcional sem qualquer direito".

No recente episódio envolvendo os Xavantes, quando 15 líderes prenderam Márcio Santilli, a "rede de corrupção funcionou pagando passagem para os índios". Dois dias depois, os Xavantes mandaram uma carta ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, pedindo a saída de Márcio Santilli e a nomeação do ex-funcionário Francisco Cruz, que hoje é chefe de gabinete do procurador-geral da República. Santilli encaminha hoje, oficialmente, a carta dos índios a Geraldo Brindeiro pedindo informações sobre possíveis relações de Cruz com o episódio do último dia 12 de fevereiro.



No último dia 12, Santilli foi ameaçado e mantido como refém por índios xavantes na sede da Funai

Sérgio Marques

## Polícia Federal faz 'corpo mole'

A lista da sangria financeira da Funai é extensa. Dela constam pequenas e grandes corrupções. As pequenas ocorrem todos os dias no superfaturamento das compras. As grandes acontecem, principalmente, na Amazônia, com a retirada e venda ilegal de madeira na área Kaiapó e de ouro no território Yanomami, em Roraima, e também nas reservas indígenas do sul do Pará. Nas grandes corrupções há envolvimento, também, segundo o presidente da Funai, da Polícia Federal, fato já denunciado na Comissão de Constituição e Justiça do Senado por um embaixador brasileiro, indicado para servir na Venezuela.

"A Polícia Federal faz corpo mole nas operações", disse Santilli, afirmando que interessa à PF o prolongamento das operações porque "eles recebem diárias da Funai quando vão para a mata". O exemplo mais "estorrecedor", disse Santilli, refere-se às frequentes operações de retirada de garimpeiros da área Yanomami. Sempre deixam "remanescentes de garimpeiros para uma nova operação".

Desde 1990, a Polícia Federal repete as operações de retirada dos garimpeiros, mas até hoje "pequenas fortunas" foram gastas e o problema persiste, sem contar o número de vôos fretados para levar os "exigentes pedidos dos federais". É a Funai quem paga. Tudo.

## PRINCIPAIS IRREGULARIDADES

■ **Diárias** — Funcionários da Funai ganham diárias corridas de 29 dias em viagens para áreas, que se repetem mensalmente. As diárias não podem ser de 30 dias porque a lei proíbe.

■ **Diária de cacique** — Chefes Xavante ou Kaiapó recebiam diárias quando viajavam para Brasília. Geralmente, o funcionário encarregado de entregar a diária ficava com a metade. Santilli suspendeu a prática, irritando os Xavante.

■ **Aposentadoria de índio** — 1.150 índios são funcionários da Funai. Mesmo índios que nunca trabalharam no órgão estão sendo "aposentados" por funcionários não índios, que falsificam nomes. É a mais difícil de combater porque as guias são falsificadas.

■ **Superfaturamento das notas** — Qualquer comerciante da feira do Núcleo Bandeirante, onde os índios compram roupas e calçados, entrega a funcionários da Funai notas fiscais acima do valor das compras. O superfaturamento acontece quase diariamente em virtude do grande número de índios que visitam Brasília e se estende aos donos das pensões onde se alojam os índios, responsáveis também pelo superfaturamento das notas de despesa com alimentação e hospedagem.

■ **Nomeação de parentes** — Desde os anos 80, os funcionários da Funai que trabalham nos postos têm o "direito" de nomear suas esposas como funcionárias do órgão, mesmo que estas não tenham qualquer qualificação.

■ **Contrabando de ouro** — Funcionários da Funai e funcionários da Polícia Federal com os donos de garimpo fazem contrabando de ouro na fronteira do Brasil com a Venezuela. No sul do Pará, o contrabando é praticado por funcionários, com a cumplicidade dos Kaiapó.

■ **Contrabando de madeira** — O esquema conta com a participação de grandes empresas madeireiras, funcionários da Funai e índios. O contrabando de madeira provoca também a cisão entre índios do mesmo grupo. Um dos primeiros denunciados por retirada ilegal de madeira em área indígena foi o ex-presidente da Funai, Romero Jucá Filho, hoje senador por Roraima. Jucá é réu em processo na Justiça Federal, com mais dois funcionários da Funai em Mato Grosso.

88

4468

3

1599  
POLÍCIA FEDERAL  
TA OFFICIAL FUNAI

## POLÍTICA

### PF aguarda denúncia de corrupção na Funai

#### MEMÉLIA MOREIRA

O delegado João Lauro Noguez, chefe da Coordenadoria Central Policial da Polícia Federal, disse ontem que até o momento não recebeu, "oficialmente", nenhuma lista contendo nomes de funcionários da Funai ou da PF envolvidos em corrupção, mas que "extraoficialmente", soube que haveria "irregularidades em Redenção (PA)". Noguez informou que, de posse de informações e confirmadas as denúncias, abrirá inquérito. Ontem, o *Jornal de Brasília* publicou o relato da conversa entre o presidente da Funai, Márcio Santilli e o Presidente da República, na qual Fernando Henrique ouviu de Santilli detalhes sobre a rede de corrupção na Funai.

Santilli negou as informações divulgadas, mas a Secretaria de Imprensa da Presidência da República confirmou a ida de Márcio Santilli ao Palácio da Alvorada, no último sábado, em audiência extra-agenda. A Secretaria de Imprensa, entretanto, não tomou conhecimento do assunto tratado por Santilli com FHC.

**Apartamento** — Citado na matéria como um dos funcionários que ocupa irregularmente um apartamento funcional, em-

bora fosse proprietário de uma casa no Lago Sul, o ex-presidente da Funai, Sydney Possuelo, confirmou a ocupação do imóvel dizendo: "Lamentavelmente, não tenho nenhuma casa no Lago Sul, mas moro num apartamento funcional com todo direito porque sou DAS 4 (Direção de Assessoramento Superior nível 4) e penso em comprar o apartamento. Pago IPTU, todas as despesas entre elas a taxa de ocupação e o condomínio. A ocupação foi autorizada pelo ex-presidente da Funai Iris Pedro de Oliveira".

Em defesa dos agentes e delegados da Polícia Federal que estariam envolvidos no contrabando de ouro e madeira de área indígena, além da prática da "indústria de diárias", o superintendente-geral da Polícia Federal, Vicente Chelotti, em telefonema para a redação do *JBr*, disse que desconhece qualquer denúncia sobre a indústria de diárias. Em nota divulgada ontem pelo gabinete do ministro da Justiça, Nelson Jobim (veja abaixo), o presidente da Funai, Márcio Santilli, negou o teor do relato feito ao Presidente da República, afirmando não ter feito "qualquer menção à Polícia Federal, SNI, SAE e demais órgãos citados".

#### A NOTA DE SANTILLI

Brasília, 22 de fevereiro de 1996.

Senhor Editor,

A propósito da matéria publicada pelo *Jornal de Brasília*, em 22/02/96, assinada pela jornalista Memélia Moreira, tenho a declarar o seguinte:

1. Fui procurado pela jornalista para opinar sobre outra matéria, que não a publicada.
2. Não fiz as declarações que me foram atribuídas entre aspas ao longo de toda a matéria publicada.
3. Não fiz qualquer menção à Polícia Federal, SNI, SAE e demais órgãos citados, seja para a jornalista, seja para Sua Excelência, o senhor Presidente da República.
4. Não concordo com o conteúdo das declarações a mim atribuídas. Ao contrário, considero fundamental a atuação conjunta da Funai e da Polícia Federal no cumprimento de suas atribuições legais e tenho contato com a irrestrita colaboração da direção da Polícia Federal para este fim.
5. Repudio a menção feita na matéria ao sertanista Sydney Possuelo, um dos melhores quadros desta instituição, pessoa de minha confiança desde quando ocupou a presidência da Funai.
6. Estou perplexo com a matéria publicada, que reflete a opinião da jornalista que, indevidamente, colocou-se como fonte das denúncias que pretendia fazer, sem que sequer estivesse informado dos fatos alegados e dos objetivos por ela almejados.

Márcio Santilli  
Presidente da Funai

■ N.R. — O *Jornal de Brasília* mantém as informações da repórter publicadas na edição de ontem.